ÁREA TEMÁTICA: (marque uma das opções)

( ) COMUNICAÇÃO
( ) CULTURA
( ) DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
( ) EDUCAÇÃO
( ) MEIO AMBIENTE
(X) SAÚDE
( ) TRABALHO
( ) TECNOLOGIA

CONHECIMENTO DAS DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS, UTILIZAÇÃO DOS PRESERVATIVOS E PARTICIPANTES QUE FORAM CONTAMINADOS POR DST

Julia Acordi Baumel[1]
Vanessa Gino de Castilho[2]
Letícia Zardo[3]
Lídia Dalgallo Zarpellon [4]
Luciane Patrícia Andreani Cabral[5]

RESUMO – As DST's representam um sério impacto na saúde da população brasileira, diante disso sua abordagem merece atenção especial, pois sua presença é um fator de risco para transmissão do HIV. Buscando contribuir para a ampliação do conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis o estudo teve como objetivo identificar o conhecimento dos participantes sobre as DST's e a adesão ao uso de preservativos e participantes que foram contaminados por DST´s. O estudo foi realizado no Campus Universitário, no município de Ponta Grossa – PR, no período de Abril a Novembro de 2011, a coleta de dados ocorreu por meio da aplicação de um questionário fechado. Como resultado obteve-se um total de 120 participantes, desta amostra analisada 116 (96,7%) apresentou conhecimento prévio sobre DST´s, 44 (36,7%) afirmou o uso de preservativos sempre e com parceiros fixos, 96 (80%) relatou que não tiveram DST´s anteriormente à pesquisa, 39 (32,5%) afirmou que faz uso esporádico de preservativos, sendo que, desse número 26 (66,7%) são do sexo feminino. O presente estudo conclui que a maioria dos participantes possui acesso ao conhecimento sobre as DST´s e a adesão aos preservativos, enfatizando a necessidade de continuar a prestar informações e fornecer preservativos a esta população tendo como foco ações preventivas de caráter educativo.

PALAVRAS CHAVE: Educação em Saúde, Prevenção e Incidência.

Introdução

[1]Acadêmica do 3° ano do curso Bacharelado em Enfermagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa, apresentadora e autora - julia.baumel@hotmail.com.
[2]Acadêmica do 3° ano do curso Bacharelado em Enfermagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa, apresentadora e autora – vanessa_castilho2@hotmail.com.
[3]Acadêmica do 3° ano do curso Bacharelado em Enfermagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa, autora – leticia_zardo@hotmail.com.
[4] Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Docente da Universidade Estadual de Ponta Grossa– Pr, autora, e-mail:ldzarpellon@yahoo.com.br.
[5] Enfermeira especialista em Gestão em Saúde, Docente da Universidade Estadual de Ponta Grossa email: luciane_pac@hotmail.com.

Os problemas de saúde pública relacionados às doenças sexualmente Transmissíveis (DST's) passaram a ter importância apenas na década de 80, após a epidemia da Síndrome Imunodeficiência Adquirida. Estudos demonstram que pessoas com DST's ou infecções do trato reprodutivo sem a presença de úlceras apresentam um risco elevado em 3 a 10 vezes de infectar-se pelo HIV, este índice aumenta 18 vezes quando a doença desenvolve-se com úlceras genitais (FLEMING & WASSERHEIT, 1999).

No Brasil a falta de estudos populacionais sobre DST's e de notificação compulsória para algumas delas são as dificuldades encontradas para a padronização de intervenções. As DST's, de notificação compulsória são: AIDS, HIV na gestante e em crianças expostas, sífilis na gestação e na forma congênita (BRASIL, 2005). As DST's são de grande abrangência no quadro patológico do Brasil, mesmo assim permanecem ocultas pela escassez de ações educativas, pelos aspectos culturais e pela automedicação (BRASIL, 2001).

O aumento do número de parceiros sexuais está diretamente relacionado à maior incidência de DST's devido à suscetibilidade da população em fase reprodutiva que faz maior uso de drogas lícitas e ilícitas promovendo assim comportamento de risco (TAQUETTE; VILHENA; PAULA, 2004).

No passado a política de controle populacional em vigor no Brasil determinou a contracepção como responsabilidade da mulher, assim, o homem criou uma aversão ao uso dos métodos de barreira, atualmente preconizados devido ao aumento do número de DST/Aids nos últimos 20 anos. A partir disso, concretizou-se a importância da proteção mútua valorizando a participação do homem (MADUREIRA & TRENTINI, 2008).

A nova tarefa, a de convencer a população em geral de que qualquer pessoa está sujeita à contaminação, é complexa, pois cada segmento social tem as suas especificidades, que dependem de suas características econômicas, sociais e culturais. Migrar do risco para a vulnerabilidade é hoje um dos mais importantes desafios do trabalho de prevenção (BARBOSA, GARCIA, MANZATO, et.al., 2006).

Neste contexto, buscou-se através do projeto de extensão realizado na Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR, identificar os conhecimentos prévios, uso de preservativos e quais participantes foram contaminados por DST´s. Através de uma amostra totalizou-se 120 participantes sendo que os sujeitos abordados para este estudo foram de ambos os sexos, solteiros, casados, em união estável, viúvos, com idade a partir de 19 anos e com estes foi realizado a educação em saúde.

Objetivo

Identificar o conhecimento dos participantes sobre as DST's, adesão ao uso de preservativos e participantes que foram contaminados por DST´s.

Colaborar na elaboração de ações educativas do Projeto de Extensão, UEPG – Enfermagem na busca e prevenção do HIV/Aids.

Metodologia

O presente estudo constituiu-se de uma pesquisa de campo, de natureza exploratória, com abordagem quantitativa, ocorreu no campus universitário, no município de Ponta Grossa- PR, local onde é realizado o projeto de extensão UEPG – Enfermagem na busca e prevenção do HIV/Aids, no período de Abril a Novembro de 2011, o qual é coordenado por docentes e conta com a participação de discentes do curso de Bacharelado em Enfermagem da UEPG.

Os sujeitos abordados para este estudo foram de ambos os sexos, solteiros, casados, em união estável, viúvos, com idade a partir de 19 anos. Os participantes foram selecionados de forma aleatoriamente durante o projeto de extensão que ocorre mensalmente totalizando uma amostra de 120 participantes. O critério de inclusão foi possuir vida sexual ativa, aceitar realizar o teste de HIV/Aids e participar do questionário aplicado, o critério de exclusão foi negar responder ao mesmo.

No primeiro momento os participantes foram recepcionados em uma sala para realização do aconselhamento, que é realizado por uma profissional coordenadora do Serviço de Atendimento Especializado (SAE) da Secretaria de Saúde, onde a mesma aborda assuntos relacionados à importância do uso de preservativos durante as relações sexuais, quais são as DSTs e os meios de transmissões, a importância do diagnóstico e o tratamento no caso de contaminação e a orientação que os dados obtidos durante a entrevista e o exame são mantidos em sigilo, garantindo a segurança do participante.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário composto por questões fechadas, abordando o conhecimento e a freqüência de contaminação das doenças sexualmente transmissíveis e a utilização dos preservativos.

Os dados coletados foram transcritos por digitação, no programa Excel®. Os resultados obtidos no estudo foram expressos por freqüências e percentuais, sob a forma de tabelas e gráficos.

Foram respeitados os preceitos éticos de participação voluntária e consentida segundo Resolução 196/96, por meio do preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, obtido de todos os sujeitos, antes do início de sua participação no estudo. Todas e quaisquer informações prestadas foram mantidas em completo anonimato, garantindo o sigilo das mesmas.

Resultados e discussões

A amostra utilizada foi constituída de 120 participantes, sendo que 116 (96,7%) tinham conhecimento prévio sobre DST's, este número indica que a maioria está obtendo acesso a informações, sendo necessárias apenas ações preventivas de caráter educativo e participativo para o esclarecimento das dúvidas. Isto também pode ser reflexo das desigualdades socioeconômicas como um fator determinante para a iniciação sexual, para o conhecimento e prevenção das DST´s, e para o uso do preservativo. Ficou evidente que quanto maior o grau de conhecimento menor o grau de vulnerabilidade de pessoas (BARBOSA, GARCIA, MANZATO, et.al., 2006).

Quanto ao uso de camisinha, 44 (36,7%) afirmaram usar sempre e com parceiro fixo, 4 (3,3%) apenas em relações conjugais, 39 (32,5%) faz uso esporádico, sendo que 26 (66,7%) são do sexo feminino, 30 (25%) nunca faz uso, sendo 18 (60%) do sexo feminino, 3 (2,5%) não quiseram responder.

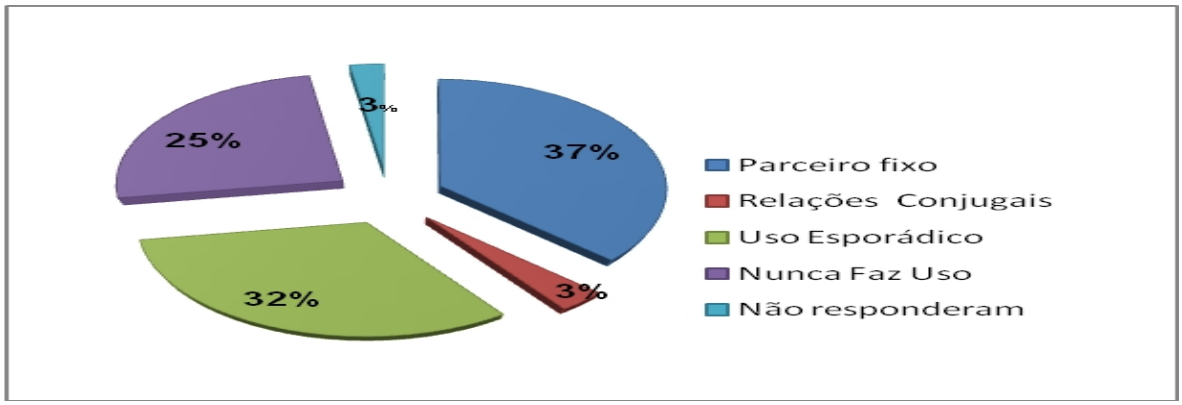


Gráfico 1- Frequência da utilização de Preservativos Durante as Relações Sexuais
Fonte: Projeto de extensão: UEPG Enfermagem na Busca e prevenção do HIV/Aids, 2011.

Os números demonstram que a maior parte faz uso consciente e a outra faz uso equivocado ou não utiliza, sendo a maioria do sexo feminino. Isso ocorre freqüentemente porque o homem domina o uso do preservativo, sendo que o principal entrave das mulheres quanto ao uso é a possível hipótese de infidelidade, assim o sexo desprotegido é feito por obrigação e não por prazer (AMARO, 2005).

Segundo o Ministério da Saúde (2000), além do número de parceiros, a mudança do estado do relacionamento, ou seja, de eventual para estável, implica na diminuição do uso de preservativo, e nos relacionamentos considerados estáveis, a prioridade deixa de ser a proteção das infecções de transmissão sexual e passa ser a prevenção da gravidez.

Em relação aos participantes da amostra analisada sobre contaminação por DST´s 4 (3,3%) não responderam, e os que não tiveram DST's foram 96 (80%) sendo esses do sexo masculino e feminino. Os que tiveram DST's foram 20 (16,7%), desses 16 (80%) são do sexo feminino, 6 (30%) solteiros e 6 (30%) são casados, 2 (10%) vivem em união estável e 1 (5%) divorciados 2 (10%) viúvos, 2 (10%) outros.

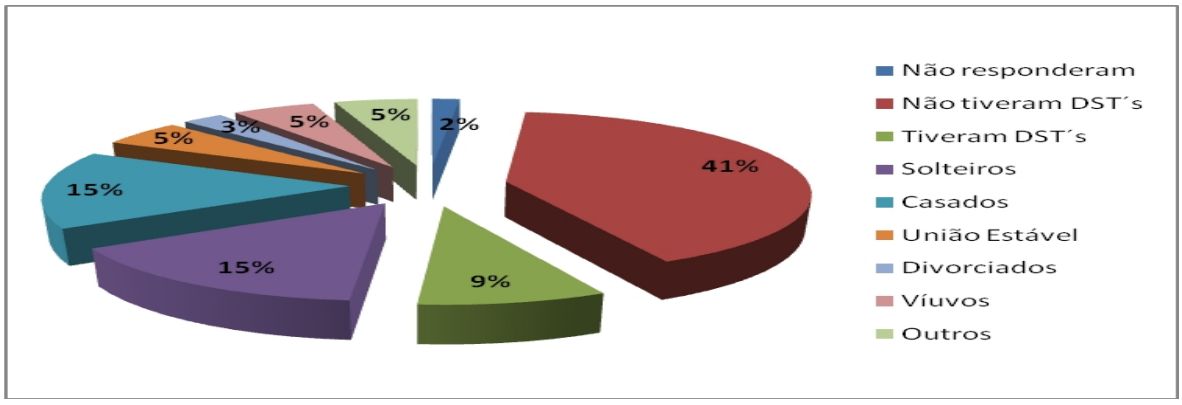


Gráfico 2 – Frequência da contaminação por DST´s e os participantes que não tiveram DST's
Fonte: Projeto de extensão: UEPG Enfermagem na Busca e prevenção do HIV/Aids, 2011.

Percebe-se que a maior parte dos participantes que já tiveram DST's é do sexo feminino enfatizando a submissão ao homem. Assim, as mulheres ficam expostas à contaminação, pois demonstram constrangimento em usar a camisinha ou solicitar seu uso ao parceiro, devido ao medo de perder o companheiro ou, até mesmo, da violência (ARAUJO; SILVEIRA, 2007).

Em relação aos solteiros são mais vulneráveis pelo estilo de vida que levam. Pois, os jovens estão mais suscetíveis a DST/Aids/Gravidez porque eles tem uma percepção diferente sobre a sexualidade, pouco conhecimento sobre os métodos contraceptivos e incapacidade para o seu correto uso. A transição da adolescência para a vida adulta é baseada na erotização das relações, na moral cultivada durante a vida gerando desequilíbrio na maturidade reprodutiva e psicossocial que propiciam um cenário para uma maior exposição aos riscos (MOREIRA, 2002).

Nos casados o uso de preservativos na relação conjugal tem como foco principal a prevenção de gravidez e pouca preocupação com as DST/ Aids (MADUREIRA; TRENTINI, 2007). Essas situações tornam mais difíceis o desenvolvimento de estratégias de prevenção das DSTs/HIV, voltadas para pessoas que vivem relacionamentos estáveis, especialmente as mulheres. A falta de diálogo sobre o exercício da sexualidade entre os casais dificulta a adoção de medidas preventivas, e, muitas vezes, este diálogo só ocorre em momentos conflituosos, como é o caso da presença de uma DST (ARAUJO; SILVEIRA, 2007).

Em relação aos 20 participantes que já tiveram DST's destes 13 (65%) têm menos que 40 anos e 7 (35%) tem mais que 40 anos. A maioria é mais jovem estando na faixa etária reprodutiva tendo maior exposição aos riscos, mas também se deve considerar que a maior parte dos participantes da pesquisa foram indivíduos com menos de 40 anos.

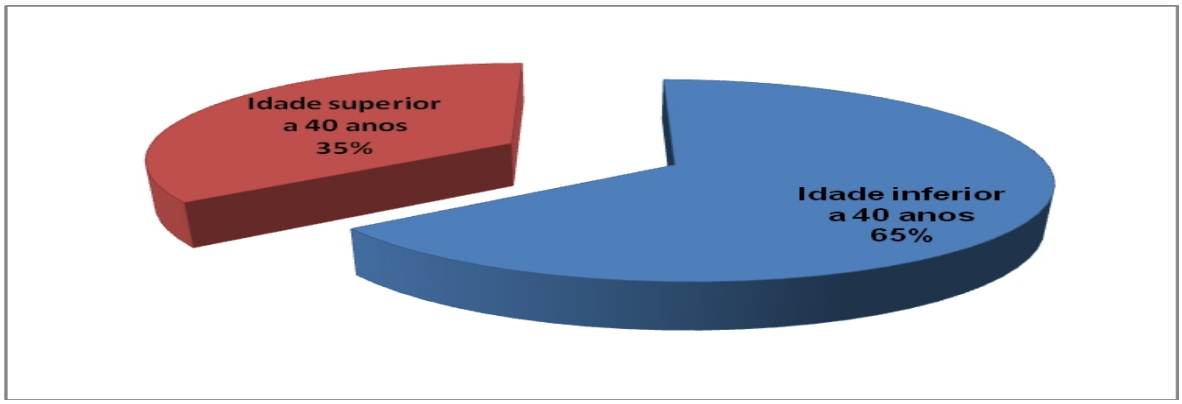


Gráfico 3- Frequência de DST´s em idade inferior de 40 anos e superior a 40 anos
Fonte: Projeto de extensão: UEPG Enfermagem na Busca e prevenção do HIV/Aids, 2011.

Estudos demonstram que o envelhecimento da população e o aumento do número de

pessoas idosas estão acompanhados por melhoria da qualidade de vida, estimulando mudanças de comportamento relacionadas à sexualidade, proporcionando às pessoas relações afetivas e mais ativas (PAIVA; VENTURI; LOPES). Porém, pelo fato de iniciarem a vida sexual numa época onde o uso de preservativos não era preconizado não conseguem se habituar a esta prática. Hoje, principalmente para os mais idosos, a falta de destreza para manusear o preservativo causa demora sendo um dos maiores empecilhos para seu uso (LAURENTINO; BARBOZA; CHAVES *et. al,* 2006).

As pessoas são independentes tendo o direito garantindo a sexualidade. Os programas públicos, a prevenção e a promoção em saúde DST/Aids/HIV são voltados para a fase reprodutiva necessitando de políticas voltadas a pessoas acima de 40 anos, já que ocorre um aumento das doenças sexualmente transmissíveis/Aids e hepatite B e C nesta fase (FIGUEIREDO; PROVINCIALI, 2006).

Conclusões

Analisando os dados obtidos neste estudo, pode-se constatar que a maioria dos entrevistados tem conhecimento prévio sobre as doenças sexualmente transmissíveis. Porém, muitos não utilizam o preservativo ou fazem uso de forma incorreta evidenciando a necessidade de orientações. Fica clara a importância de ações preventivas de caráter educativo e participativo para o esclarecimento das dúvidas.

É sabido que inúmeros fatores estão associados ao uso de preservativo durante os relacionamentos afetivo-sexuais, entre eles podemos citar o grau de conhecimento sobre as questões de transmissão de doenças sexuais, de ordem situacional e individual.

O diálogo, bem como ações preventivas sobre contaminação de doenças sexualmente transmissíveis interfere positivamente no uso do preservativo, sinalizando para a importância de políticas de prevenção de DST/AIDS e de educação em saúde enfocarem o caráter relacional do uso do preservativo e não tomá-lo apenas sob a ótica da responsabilidade individual.

Por fim, cabe salientar que ações preventivas, bem como estudos sobre o tema possibilitam definir estratégias para diminuir o índice de contaminação de DST's no decorrer da vida dos indivíduos.

Referencias

AMARO, S.T.A. A questão da mulher e a Aids: novos olhares e novas tecnologias de prevenção. **Rev. Saúde soc.** São Paulo, v.14, n.2, p. 91. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902005000200010 > Acesso em: 22 mar.2012.

ARAUJO, M.A.L; SILVEIRA, C.B. Vivências de mulheres com diagnóstico de Doença sexualmente transmissível – DST. **Esc. Anna Nery- Rev. de Enfermagem.** Rio de Janeiro, v.11, n.3, p.11, jan. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000100010&lang=pt> Acesso em: 15 mar. 2012.

BARBOSA, R.G; GARCIA, F. C.P; MANZATO, A.J *et.al.,* Conhecimento sobre Dst/Aids, Hepatites e Conduta Sexual de Universitários de São José do Rio Preto, Sp. **Rev. DST – J bras Doenças Sex Transm**. v.18, n.4, p.225. Disponível em: **<**http://www.dst.uff.br/revista18-4-2006/CAP1ConhecimentoSobreDSTAIDS.pdf> Acesso em: 02 abr. 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. Manual de Bolso das Doenças Sexualmente Transmissíveis / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Programa Nacional de DST e Aids. Brasília: Ministério da Saúde. 2005. p.12.

_____. Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. Vigilância Epidemiológica das DST por meio da notificação de casos: uma nova abordagem. DST- J Bras Doencas Sex Transm. 2001.

_____. Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. Comportamento sexual da população brasileira e percepções do HIV/AIDS. 1a Ed. Brasília: MINISTÉRIO DA SAÚDE; 2000.

FLEMING,D.T; WASSERHEIT, J.N. From epidemiological synergy to public health policy and practice: the contribution of other sexually transmitted diseases to sexual transmission of HIV infection. **Rev. Latino-Am. Sexually Transmitted Infections.** Atlanta-USA, v.75, p.3-4, jan.1999. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1758168/pdf/v075p00003.pdf> Acesso em: 15 mar. 2012.

FIGUEIREDO, M.A; PROVINCIALI, R.M. HIV/Aids em pessoas idosas vulnerabilidade, convívio e enfrentamento.Edição em livro do VII Congresso Virtual HIV/Aids.p.23-26 Disponível em: < **http://www.aidscongress.net/html/livro7congresso.pdf#page%3d73**> Acesso em: 28 mar.2012.

LAURENTINO, N. R. S; BARBOZA, D.;CHAVES,G *et.al.* Namoro na terceira idade e o processo de ser saudável na velhice: recorte ilustrativo de um grupo de mulheres.**Rev.Bras.Ciências do Env.Humano.**Passo Fundo, p.60. jan/jun.2006. Disponível em: <www.upf.edu.br/seer/index.php/rbceh/article/download/57/50> Acesso em: 27 mar.2012.

MADUREIRA, V. S. F; TRENTINI, M. Da utilização do preservativo masculino à prevenção de DST/AIDS. **Rev. Ciênc. saúde coletiva.** Rio de Janeiro, v.13, n.6, p. 1807-1808, nov/dez. 2008, Disponível em:<**http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000600015>**Acesso em: 20 mar. 2012.

MOREIRA, M. M. Adolescentes e Jovens do Sexo Masculino: riscos de contrair HIV/AIDS ou DST ou engravidar uma parceira. p.3-9-10. Nov.2002 Disponível em: <**http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_JUV_ST15_moreira_texto.pdf**> Acesso em: 22 mar.2012.

PAIVA, V; VENTURI, G; FRANÇA, J.R.I; LOPES, F. Uso de preservativos: Pesquisa Nacional MS/IBOPE 2003.Disponível em: <http://www.aids.gov.br/final/biblioteca/ibope_2003/briefing2.doc> Acesso em: 02 abr. 2012.

TAQUETTE, S.R; VILHENA M.M; PAULA M.C; Doenças sexualmente transmissíveis na adolescência: estudo de fatores de risco. **Rev Soc Bras Med Trop**. Uberaba, v.37, n.3, p.210-212, maio/junho. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0037-86822004000300003&script=sci_arttext&tlng=pt> Acesso em: 17 mar.2012.